



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A VALORIZAÇÃO DO FEMININO À LUZ DA SIMBOLOGIA DO REGIME NOTURNO DO IMAGINÁRIO EM “A MULHER E A CASA”, DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO.

Giordana Vaz Duarte

Universidade Estadual da Paraíba- e-mail: giordanavaz@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem como propósito desenvolver algumas considerações e sugerir uma leitura do poema “A Mulher e a Casa”, de João Cabral de Melo Neto, publicado em Quaderna. Para tal, foram utilizados referenciais teóricos dos estudos do imaginário, propostos por Gilbert Durand, inspirados na linha de pensamento do filósofo Gaston Bachelard e do psicanalista Carl Gustav Jung. Busca-se, a partir dessa leitura, enfatizar a importância atribuída ao feminino no poema por meio da erotização feita por Cabral, além de grifar o adensamento poético criado pelo autor por meio da analogia que dá título ao texto.

Palavras-chave: João Cabral de Melo Neto, poema “A Mulher e a Casa”, Regime Noturno do imaginário, a valorização do feminino.

ABSTRACT

This study aims to develop some considerations and suggest a reading of the poem "The Woman and the House" by João Cabral de Melo Neto, published in Quaderna. To this end, we used theoretical frameworks of imagery studies, proposed by Gilbert Durand, inspired by the philosopher Gaston Bachelard line of thought and psychoanalyst Carl Gustav Jung. Search up from that reading, emphasize the importance attached to women in the poem through eroticism made by Cabral, and accentuate the poetic density created by the author through the analogy that gives title to the text.

Keywords: João Cabral de Melo Neto, poem "The Woman and the House", imaginary Night Regime, appreciation of the female.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

1. INTRODUÇÃO – “A MULHER E A CASA”, ANALOGIA POR EXCELÊNCIA.

Propor uma leitura de qualquer que seja o poema escrito por João Cabral de Melo Neto, para boa parte dos acadêmicos ainda pode, em princípio, significar um mergulho na *engenharia linguística* do autor, como também no suposto anti-lirismo preconizado pelo próprio em algumas de suas declarações, pois na perspectiva cabralina, o lirismo estaria vinculado à expressão da intimidade sentimental ou com os arroubos de inspiração aos quais um poeta estaria sujeito, ideia com qual o criador do “Cão sem Plumas” dizia não compartilhar em suas obras.

“Quaderna”, publicado em Lisboa no ano de 1960, livro em que o poema “A Mulher e a Casa” está disposto, por mais que o próprio Cabral tenha querido negar, mostra-se como uma súpula que esbanja o seu lirismo-erótico, a se considerar o lirismo, como “tensão entre a agudeza intelectual e excitação afetiva, catarse do sofrimento mediante sua transformação em linguagem formal mais elevada”, como pensou Hugo Freidrich (1978) em seu “Estrutura da Lírica Moderna”.

“A Mulher e a Casa” é um texto no qual o sujeito poético parece não se distanciar das imagens, pelo contrário, mas a elas se mescla; e, quando isso acontece, esse sujeito não estaria falando de si? ; contradizendo o próprio Cabral que declarou: “Sempre evitei falar de mim, falar-me. Quis falar das coisas. Mas na seleção das coisas, não haverá um falar de mim? Não haverá nesse pudor de falar-me uma confissão, uma indireta confissão, pelo avesso, e sempre impudor? (MELO NETO, 2007, p.9). O autor pareceu em sua declaração ser vítima da própria redundância do *fazer-poético*- pois falar das coisas, criar sentidos na arte literária parte sempre de um modo muito subjetivo de ver, sentir e estranhar o mundo. Não à toa, há quem julgue interessante uma hermenêutica que considere “A Mulher e a Casa” como uma profunda reflexão meta-poética desenvolvida por meio da erotização da linguagem, associação que o poeta Gilberto Mendonça Teles fez no seu “A Mulher e a Palavra”, muito bem analisado por Maria Zaira Turchi (2003).



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Entretanto, o objetivo do presente trabalho não é mesmo confrontar os pré-conceitos cabralinos sobre a lírica, mas sim, com base no que se entende como ser lírico hoje- ser que transmite à palavra a possibilidade da poesia pelo domínio da técnica-, entender que a representação dos maiores níveis de lirismo cabralino pode estar presente também, dentre outros tantos, no poema “A Mulher e a Casa”. Para tanto, é a partir do que o poeta nos serve e relendo as postulações de Durand, a partir da retomada do pensamento de Bachelard e Jung que é possível entrar em devaneio perdendo-se em seu trabalho poético, acionando o imaginário para compreender a simbologia presente na analogia que faz desde o título de seu poema.

“A Mulher e a Casa” toma a atenção do leitor mais desavisado num ímpeto, por trazer, na essência de sua proposta lírica, imagens que por analogia causam a sensação de familiaridade e de curiosidade em desvelar a aura mítica dessas duas palavras.

Segundo o pensador Michel Foucault (s.d), em “As palavras e as coisas”, a semelhança pode se apresentar sob quatro formas- a *convenientia*, a *aemulatio*, a analogia e a *sympathia*. A analogia, a terceira forma de similitude proposta por Foucault, mostra-se como artífice preferido dos poetas por superar as demais, visto que fala de reuniões, de nexos, de juntura, de ajuntamentos como também garante uma certa tensão das semelhanças no espaço. É a analogia que trata das relações mais tênues das semelhanças, e não apenas daquelas visíveis, mais palpáveis das próprias coisas. Turchi afirma que a “analogia situada num espaço de irradiação, envolve, por todos os lados, o homem que, por sua vez, transmite as semelhanças que recebe do mundo. O homem é, portanto, o ponto de apoio a partir do qual as analogias proliferam.”(TURCHI, 2003,p.58)

Gilbert Durand, estudioso do imaginário, grifa a analogia e a similitude como sendo os moldes dos quais se formarão as estruturas místicas do regime noturno das imagens. E o regime noturno, por sua vez, remonta a simbologia dos movimentos que se dobram sobre si próprios, refletem-se e encadeiam-se para fazer o Homem penetrar na seara mais íntima e calorosa do ser, suavizando os contrastes e conflitos da existência e de sua incessante luta



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

contra as faces do tempo, símbolos desse confronto, sistematizados por ele no que denominou regime diurno.

É possível perceber o caráter de harmonização, fusão, conciliação, forjado por Cabral quando associa os elementos mulher/casa. O autor apresenta uma atitude criativa que revisa o que Durand sistematizou no regime noturno. Se frente às faces do tempo, torna-se cansativo valorizar a “vacuidade absoluta” da existência humana, ou a eterna tensão entre vida e morte, “A Mulher e a Casa” delinea-se como uma nova forma de imaginar, uma forma que convida o leitor a considerar dentro de nossa condição de mortalidade um caminho para o preenchimento diante da inevitabilidade da passagem do tempo, pelo caminho de Eros, pelo trajeto da descoberta do corpo do outro, da revelação das necessidades mais íntimas que enveredam o Homem ao deleite, quando (re) valoriza o arquétipo feminino.

A poesia, sempre muito bem representada pela simbólica do regime noturno, parece mesmo ser esse espaço de reunião e fusão que constitui um caminho quase que obrigatório para que o humano atinja o espaço de redução entre o dizer e o ser. Octavio Paz (1940), colocou que “a poesia é o testemunho dos sentidos”, pois suas imagens são palpáveis, visíveis e audíveis; para ele, o testemunho poético nos revela outro mundo dentro deste, e a relação da poesia com a linguagem para o poeta mexicano é semelhante à do erotismo com a sexualidade, aura do poema cabralino. Há em “A Mulher e a Casa” uma cristalização verbal, a linguagem se desviando do seu percurso comum – a comunicação- para acabar, paradoxalmente, constituindo um dizer peculiar e impactante.

O poema não apenas comunica, descreve, sintetiza uma ideia, ou estabelece óbvia relação entre dois símbolos familiares. A partir de seus versos somos convidados a invadir um espaço olhando uma casa qualquer e a Mulher sob um renovado prisma, num pacto poético formalizado pelas análogas e simbólicas imagens da feminilidade, do primitivismo humano, da intimidade, do abrigo e do conhecimento, situando-nos distante do que historicamente foi perpetuado com relação à mulher- a ideia de maldição. Cabral nos faz enveredar em “A Mulher e a Casa” para um *locus* de revelações e descobertas outras através do devaneio e do prazer que o corpo feminino resguarda.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

2. UM POUCO DO FEMININO AO LONGO DA HISTÓRIA

Maria Goretti Ribeiro (2008) em “O arquétipo da deusa na vida, na cultura e na arte literária” propõe que algumas imagens arquetípicas da mulher, principalmente a que representa a *femme fatale*, englobam a candidez do instinto erótico, porém formam um imenso ideário mítico que vai sempre contra a figura feminina, porque perpetuam o fenômeno da renúncia a seus valores naturais e primitivos. O tema da “maldição do feminino” sempre integrou as lucubrações sobre o seu verdadeiro papel na sociedade, demonstrando na prática a capacidade que o imaginário tem de criar imagens negativas, destrutivas e expandi-las de forma quase que absoluta ao longo do tempo.

Essa ideia, inclusive, vem ratificar o pensamento junguiano de que nenhuma sistematização intelectual científica tem força suficiente para intimidar as imagens formadas pelos arquétipos no inconsciente coletivo. Entende-se que os mitos da *femme fatale*, que há épocas bastante remotas exerciam influência sobre a mente dos primitivos com ideias riquíssimas de significados negativos e destrutivos, são responsáveis pelas infundáveis cicatrizes da culpa feminina, por ter ela, supostamente, trazido o mal ao mundo por causa de sua vocação para a transgressão, prevaricação, desobediência, ideia esta mais que disseminada pelos filósofos da Antiguidade Clássica e pela moral instituída pela Igreja na Idade Média, e que prevalece quando consideramos essa sociedade contemporânea entremeada de valores sexistas, machistas fincados no desvalor do feminino.

Carl Gustav Jung (2005) relaciona o princípio feminino ao Eros, e desenvolve o pensamento dizendo que se trata de uma energia anímica que resulta em um comprometimento passional, o convívio com a parcela mais obscura da personalidade, com posturas marginais à moral e com inferioridades desinteressantes de serem excluídas pelo consciente. O Eros divino do feminino é assim assemelhado à loucura da alma. Em “A Mulher e a Casa” o eu-poemático não parece enxergar a Mulher que deseja nesse modelo arquetípico tão contaminante. Cabral, por sua vez, resgata o valor natural da mulher, eufemiza



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

a carga de significados negativos um dia atribuídos à figura feminina construindo sua analogia essencial.

3. A CASA E SEU VALOR SIMBÓLICO

Inicialmente, pensar “A Mulher e a Casa” faz com que , inevitavelmente, sejamos postos diante da lembrança da morada primeva do Homem- o ventre materno; mas, prosseguindo a leitura e acionando o sentido para os incipientes versos do poema, somos então atraídos a irmos além dessa perspectiva da maternidade que envolve a essência feminina, para, ainda assim, voltarmos a ela, vislumbrando-a a partir da sensualidade dessa mulher invocada por meio de suas parcelas, de suas “*estâncias aconchegadas*”. O crítico literário Janilto Andrade, em estudo da produção erótica de João Cabral de Melo Neto partilha que em “A Mulher e a Casa” “a imaginação arrasta o leitor para o interior de um jogo de enfrentamento do revelar e do ocultar, do desejo e das proibições, do prazer e das interdições. No desenrolar desse jogo, o leitor caminha pelos recintos e áreas da casa e é levado a rodopiar em desejos de visitar os ocultos da geografia feminina”: (ANDRADE, 2006, p.68)

“Tua sedução é menos
De mulher do que de casa:
Pois vem de como é por dentro
ou por detrás da fachada [...]” (MELO NETO, 1999,p.217)

Se em dado momento a mulher chegou a representar o que há de mais funesto e tenebroso por carregar em si o poder de guardar e simultaneamente de expulsar o Homem de si para sua primeira queda e para o início de sua jornada contra a morte, colocando-o diante das hostilidades do universo, no regime pleno do eufemismo, o regime noturno da imagem, “a ambivalência Eros-Cronos-Tânatos, da pulsão e do destino mortal, “marca o próprio limite a partir do qual os grandes temas da simbólica só podem inverter o seu valor. Se Eros tinge de desejo o próprio destino, então há meios para exorcizar, sem ser pela antítese polêmica e implacável a face ameaçadora do tempo. ”(DURAND,1997,p.194) , e é exatamente essa



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

inversão que João Cabral consegue, ao escrever seu texto, o caminho para conhecermos a casa, e para conhecermos a Mulher, é o caminho do desejo, dos impulsos da libido, é o passeio pelo erótico tingido por Cabral em todos os versos.

Cabral, usando de uma sensualidade surpreendente da figura feminina, faz essa Mulher retomar seu lugar de proteção, sabedoria primordial, abrigo e conhecimento primário. A sedução feminina proposta por ele no início do poema faz o leitor dispensar qualquer que seja o receio de penetrar nesse interior feminino, porque é o “por dentro” que interessa, é lá que reside o que de fato esse homem busca-o vital, o princípio do prazer humano. Não à toa, o “reboco claro”, “riso franco de varandas”, as “fachadas”, não bastam para a contemplação. O interno é o escopo, alvo mor do interesse, porque ele é que propicia o conhecimento, a vitória sobre o medo, sobre o mistério, por fim o deleite, que está nas vias da sexualidade sugerida pela forma como as partes dessa mulher são reveladas, o deleite que está no fogo da entrega de uma alma à visita tão desejada, lembrando Octavio Paz, quando diz que “o fogo original e primordial, a sexualidade, levanta a chama vermelha do erotismo.” (PAZ, 1993, p. 07) O corpo feminino é casa, morada do prazer e proteção, é valorização da vida em detrimento da morte.

Segundo Bachelard (1978), a casa constitui um microcosmo do corpo humano, porque se mostra como nosso canto no mundo, como o primeiro universo do Homem. Presumir a imagem da casa dessa forma e tê-la associada no poema de Cabral à figura feminina é transformar a mulher em beleza, pois, segundo o próprio pensador, mesmo a casa mais modesta é bela. Caracterizar a mulher como o aposento é viver na verdade a sua primitividade, uma primitividade que pertence a todos. “Nessas condições, se nos perguntassem qual o benefício mais precioso da casa, diríamos: a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa nos permite sonhar em paz.” (BACHELARD, 1978, p.201)

Os valores de abrigo são muito simplórios e arraigados em profundidade no inconsciente humano, e somos capazes de encontrá-los mais no simples conjuro que em descrições detalhadas. “A Mulher e a Casa” mostra-se como essa evocação sublimemente simples, capaz de “sacudir” as camadas mais profundas do nosso ser quando nos faz em



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

fantasia adentrar pelos vazios femininos, por seus “recintos”, “áreas” “corredores e salas”, e passear pelas searas mais desejadas desse corpo, divagando por caminhos que levam ao abrigo original, pois “a vida começa bem; começa fechada, protegida, agasalhada no seio da casa. A casa, na vida do homem, afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. Ela é corpo e alma.” (BACHELARD, 1978, p.201) A Mulher para o eu-lírico é, portanto, corpo e alma, mas dessa vez, imaculada pela similitude do recanto de proteção.

O erotismo é, sobretudo, sede da outridade, como já disse Paz, e esse alcance na perspectiva cabralina é atingido por significativos elementos simbólicos, mais precisamente, pelos símbolos da intimidade, aqueles que valorizam o refúgio. O corpo da figura feminina sendo “objeto” de aconchego e prazer, e que desconstrói a ideia de feminilidade como aspecto negativo no universo do imaginário coletivo, vem enfatizado pelas cavidades da mulher, símbolos hedônicos da descida feliz e da libido, encobertos por “paredes bem revestidas” e “recessos bons de cava”. (MELO NETO, 1999)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia de Durand, revisitando o pensamento de Bachelard, é fielmente representada pelas linhas poéticas de João Cabral nesse poema, quando relaciona a mulher, em sua integridade, a imagem, também completa, de uma casa e seus recessos.

Em uma análise de valoração positiva da representação simbólica da casa, entende-se que ela inteira é mais do que um lugar para se viver, é um vivente. A Casa redobra, sobredetermina a personalidade daquele que a habita, assim, a Mulher é elevada pelo poeta a essa condição.

“A Mulher e a Casa”, mais do que seduzir o Homem ao seu refúgio primordial, acaba por seduzir o leitor a significar as imagens do texto considerando o resgate positivo desses símbolos como o único meio para chegar a “*ars erotique*” do texto.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

5. BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Janilto. **O erotismo em João Cabral de Melo Neto**. Rio de Janeiro: Calibán Editora, 2005.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do espaço. Os pensadores**. São Paulo: Editora Abril, 1978.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. Lisboa: Portugália, [s.d].

FREIDRICH, HUGO. **Estrutura da Lírica Moderna**, Trad. Marise M. Curioni, São Paulo: 1978.

JUNG, Carl Gustav. **Símbolos de transformação**. Tradução de Eva Stern. Petrópolis: Vozes, 2005.

NETO MELO, João Cabral de. **Obras Completas**, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999.

_____. **João Cabral de Melo Neto: o artista inconfessável**. Estabelecimento do texto e seleção de Antonio Carlos Secchin. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2007.

PAZ, Octavio. **A dupla chama: amor e erotismo**. Trad. Wladyr Dupont. São Paulo: Editora Siciliano, 1999.

RIBEIRO, Maria Goretti. **O arquétipo da deusa na vida, na cultura e na arte literária**. João Pessoa: Graphos, v. 10. N.1, 2008.

TURCHI, Maria Zaira. **Literatura e Antropologia do imaginário**. Brasília: Editora UNB, 2003.